

Demografia Xavante : algumas reflexões iniciais

Túlio Penna

Aracy Lopes da Silva

Introdução

Os Xavante - juntamente com os Xerente - constituem o sub-grupo Acuen da família lingüística Jê. Habitam hoje seis reservas no norte do Mato Grosso.

A análise da demografia Xavante revela, à primeira vista, dois grandes momentos (que parecem, aliás, ser a regra para certos povos indígenas): o primeiro, de decréscimo populacional bastante drástico, relativo à fase de estabelecimento de contato efetivo e contínuo com a sociedade nacional e ao período imediatamente posterior (correspondendo, grosso modo, aos vinte e cinco primeiros anos após o contato); o segundo, marcado por recuperação demográfica.

Esse trabalho apresenta uma primeira tentativa de interpretação dos dados disponíveis relativos à história demográfica dos Xavante. As dificuldades desta tarefa não são poucas, já que não há levantamentos sistemáticos publicados. As informações são esparsas e incompletas; por vezes, desencontradas. Não cobrem satisfatoriamente, portanto, a realidade que nos interessa aqui⁽¹⁾. Ainda assim, a tarefa se justifica. Nosso objetivo é fazer uma análise preliminar dos dados disponíveis em trabalhos antropológicos e em relatórios isolados para verificar tendências e orientações da demografia Xavante. Trata-se, na verdade, de uma primeira etapa de uma pesquisa que se inicia e que incluirá - na medida do acesso possível às fontes pretendidas - a coleta sistemática de dados onde eles se encontram: arquivos da Fundação Nacional do Índio e das missões salesianas que assistem aos Xavante; bem como a realização de levantamentos (censos) em campo.

(1) Os dados em que nos baseamos encontram-se em Maybury-Lewis, 1967; Giaccaria e Heide, 1972; Lopes da Silva, 1980; em relatórios da Ajudância Autônoma de Barra do Garças-FUNAI, relativos a 1980 e 1981.

Introdução Histórica

Xavante e Xerente compartilhavam, até meados do século XIX, um vasto território no centro e norte de Goiás, às duas margens do Tocantins. Os registros mais antigos que mencionam especificamente os Xavante foram escritos na segunda metade do século XVIII (1762). As relações entre os Xavante e os Xerente, até meados do século XIX, não nos são ainda de todo claras. A hipótese mais provável é que tenham constituído dois povos distintos, cada um com várias aldeias, mas muito próximos dos pontos de vista cultural e lingüístico (Cf. Ravagnani, 1977:100).

As informações relativas à primeira fase do contato entre índios e brancos nessa região - fins do século XVI e durante todo o século XVIII - prestam-se muito pouco a uma análise demográfica. Trata-se, na verdade, de uma fase de extrema violência, em que entradas e bandeiras percorriam o interior tendo por finalidade o apresamento de índios. Estes eram designados pelo termo genérico de "gentios", sendo ignoradas as diferenças entre os povos indígenas (Ravagnani, 1977: 9). A única conclusão que, com segurança, se pode tirar dos relatos da época refere-se à depopulação significativa que foi imposta às sociedades indígenas pela captura e morte de seus membros.

O século XVIII corresponde ao período de apogeu da mineração, em Goiás. Para os Xavante significou, inicialmente, um período de fugas e busca de novos territórios, à medida que a região se via gradualmente percorrida por não-índios em busca de ouro; em seguida, experiências de vida em aldeamentos oficiais, já em fins de século, de acordo com a orientação do Marquês de Pombal ("Diretório dos Índios", de 1757) no sentido da redução e pacificação dos índios. Essa mudança de orientação em relação às populações indígenas coincidiu, em Goiás, com a fase de declínio da produtividade das minas, já em fins do século XIX: impunha-se a necessidade do desenvolvimento da agricultura, da pecuária e do comércio. Os aldeamentos oficiais reuniam membros de sociedades indígenas diversas. Seus administradores "estimulavam o casamento entre índios e brancos", além de "aconselharem a intensificação do uso da língua portuguesa" (Melatti, 1977:43). Em Goiás, entre 1774 e 1830, aproximadamente, existiram seis aldeamentos:

- a) São José de Mossamedes: Acroá, Javaé, Carijó e, em menor número, os Xavante;
- b) Pedro III ou Carretão: Xavante;
- c) Salinas ou Boa Vista: alguns Xavante;
- d) Estiva: Xavante, Karajá e Canoeiro;

Thereza Cristina ou Piabanha : segundo Nimuendajú (1942:6), viveram neste aldeamento apenas índios Xerente; segundo Tuggia (apud Nimuendajú, 1942:6), viveram aí também Xavante. Este autor apresenta dados relativos à população total em 24/6/1851 por sexo e idade: 2.139 pessoas.

São José do Araguaia : Xavante e Karajá.

De todos, o aldeamento que apresentou maior concentração foi certamente o de Pedro III ou Carretão que reuniu inicialmente 2.000 Xavante conhecidos como "de Quá" e chegou a contar com cerca de 5.000 pessoas, segundo os cálculos mais otimistas. Já em 1823, Cunha Mattos constatava o estado de abandono de suas instalações e a população reduzida a 200 pessoas (apud Souza, L., 1953:10). Para uma análise mais detalhada desta política de aldeamentos, vide Ravagnani, 1977 (A Experiência Xavante com o Mundo dos Brancos, Tese de Doutorado, Escola de Sociologia e Política, São Paulo). É possível afirmar-se, com certa margem de segurança, que estes aldeamentos reuniram milhares de índios dos povos mencionados. Os documentos da época trazem dados em maior quantidade que no período anterior (auge da mineração, século XVIII: as fontes quase não contêm menções aos Xavante. Dados demográficos são inexistentes). Agora, no século XIX, embora os dados sejam mais numerosos e frequentes, poucas vezes se pode isolar, com precisão, as informações relativas a um povo específico. Tem-se, em geral, o total dos moradores dos aldeamentos e a relação dos povos ali representados. Quando os dados são mais específicos, dizem respeito sempre a uma pequena parcela da população provável como, por exemplo, no bem documentado episódio da chegada, em 7/1/1788, ao aldeamento do Carretão (ou Pedro III), de 2.000 índios Xavante - dos quais cento e tantos acabaram por morrer no mesmo ano, devido a uma epidemia de sarampo (Freire, 1790). Sabe-se, porém, da existência de muitos outros grupos Xavante que, no entanto, nesta mesma época, evitavam o contato. Além disso, uma outra dificuldade no trato desses dados advém do fato de a população dos aldeamentos ter flutuado substancialmente ao longo do tempo.

Com o declínio da mineração, foram interrompidas as migrações de colonizadores não-índios para Goiás. A população não-índia passou a dedicar-se a atividades agrícolas e de pecuária em pequena escala, o que a tornou extremamente rarefeita. Essa situação de empobrecimento levou ao abandono dos aldeamentos por parte do governo de Goiás. No caso dos Xavante, houve uma evasão quase total: os aldeados voltaram a reunir-se

aos grupos sem contato. Recrudesceram os ataques dos índios. A resposta foi imediata: uma Carta Régia de 1811 autorizava a guerra contra os Karajá, os Apinayé, os Xavante e os Canoeiros (Ravagnani, 1977:88-90).

Como em toda época de relações muito tensas, as fontes documentais trazem, a partir de então, poucos dados mais precisos, inclusive os demográficos, a respeito dos povos indígenas.

A partir de meados do século XIX ocorreram duas cisões significativas: a primeira, entre os Acuen, teve como consequência a migração de grupos (que, desde então, sempre foram designados como Xavante) para oeste, rumo ao Araguaia; a segunda, entre estes Xavante, em consequência da qual um sub-grupo teria sido subsequentemente extinto; o outro sub-grupo teria migrado mais para oeste, atravessando o rio das Mortes e chegando ao Mato Grosso (Maybury-Lewis, 1967; Giaccaria e Heide, 1972 e principalmente Ravagnani, 1977).

Os Xavante atuais são os descendentes desse último sub-grupo. Não se sabe se teriam entrado no Mato Grosso como um único grupo ou se em levas sucessivas. O certo é que, segundo a história oral preservada pelos Xavante, eles constituíram, de início, uma única aldeia na região do rio das Mortes (Mato Grosso). Cisões sucessivas deram origem a várias outras aldeias. O que se pode inferir é que, tendo encontrado uma área de refúgio como a até então inexplorada e não-cobiçada Serra do Roncador, os Xavante tiveram condições de se recuperar numericamente, no período compreendido entre 1870 e 1940, aproximadamente: algumas pesquisas preliminares mostram que a memória Xavante registra a existência de pelo menos quinze aldeias constituídas entre sua entrada no Mato Grosso e a época de sua "pacificação" oficial pelo Serviço de Proteção aos Índios (1946). (Maybury-Lewis, 1967; Giaccaria e Heide, 1972 e Lopes da Silva - material de campo ainda não publicado).

Demografia Xavante no século XX

Vindos de Goiás e evitando o contato com os não-índios, os Xavante penetraram em terras do Mato Grosso por volta de 1870. Até iní cios da década de 30, parecem não ter sido molestados. Vindos de uma ' experiência de contato intenso com os brancos em aldeamentos oficiais' instalados e administrados pelo Governo da Província de Goiás, durante o século XIX, os Xavante passaram a isolar-se na Serra do Roncador, evi tando todo tipo de contato e qualquer invasão de seu território de fe- fúgio.

Assim, até inícios da década de 30, os Xavante eram tidos co mo extremamente "ferozes" e até mesmo "sanguinários", reputação que lhes garantia, e aos povos indígenas mais afastados, alguma proteção (Ravagnani, 1977). Na década de 30, porém, missionários salesianos esta belecem uma base para a atração e a conversão dos Xavante ao cristia- nismo. Bandeiras paulistas, em nova versão, são organizadas e seus mem bros alcançam algumas aldeias, que invadem, assustando os índios com ' fogos de artifício. Assim, a "Bandeira Anhanguera", de 1937, teve por objetivo a procura de minério; a "Piratininga", de 1938, buscava cole ções etnográficas para museus. Em 1941, O Serviço de Proteção aos Índios organiza uma frente de atração, encarregada da pacificação dos Xa vante. Logo depois, a Fundação Brasil Central era criada com o encargo de promover a ocupação e o desenvolvimento dos sertões matogrossenses. Essas tarefas só poderiam ser cumpridas mediante a rendição dos Xavante e a liberação de seu território às frentes de ocupação. A ofensiva ofi cial fêz-se sentir. As aldeias eram localizadas por aviões cujos vôos rasantes apavoravam os Xavante. Uma aldeia rendeu-se, afinal, em 1946. Ao fato foi dada ampla cobertura pela imprensa e ampla divulgação por fontes oficiais.

Os dados demográficos a que tivemos acesso, relativos a esse período, são bastante escassos. Os relatórios do processo de "pacifica ção" dos Xavante, ao que tudo indica, desapareceram em sua maioria, quei mados em um incêndio ocorrido nos arquivos do SPI⁽²⁾. De valor são algu- mas observações do Padre Saciloti, salesiano da já citada base missioná ria de Santa Terezinha: em seu caderno de anotações, registra a visita,

(2) Uma pesquisa etnohistórica relativa a esse período está em andamen- to, sob responsabilidade de Odenir P. Oliveira e Marta Lopes. O le- vantamento de dados demográficos é um de seus objetivos.

em 17 de outubro de 1934, a uma aldeia Xavante abandonada recentemente, a 60 kms. da "falaise S. João Bosco", no rio das Mortes. A aldeia era constituída por 120 casas. Vinte quilômetros adiante, encontrava uma outra aldeia, também abandonada (os índios teriam, provavelmente, percebido sua aproximação e evitado o encontro): 147 casas. Segundo cálculos do mesmo missionário, relativas a uma outra aldeia (de seis casas), cada casa deveria abrigar cerca de 15 pessoas⁽³⁾. Cabem aqui duas observações:

- a) aldeias de 120 ou 145 casas são bastante maiores que as aldeias atuais (vide "população média/aldeia", adiante);
- b) aldeias de 6 casas são, provavelmente, acampamentos de caçadores em períodos de nomadismo (excursões de caça e coleta), acompanhados de mulheres e filhos. Segundo os padrões Xavante tradicionais, cada aldeia subdividia-se temporariamente para a realização destas excursões, cada subgrupo tomando um rumo diferente dos demais. Desde os primeiros trabalhos entre os Xavante, a etnografia constata a construção de pequenas cabanas por família nuclear durante estas viagens. Famílias nucleares que, na aldeia-base habitam uma mesma casa constroem, nessas ocasiões, seus próprios abrigos ao redor de uma fogueira comum. Assim, o cálculo de 15 moradores por casa está, provavelmente, superestimado.

Uma linha alternativa de raciocínio nos levaria a considerar o ciclo de formação das aldeias Xavante, originárias sempre de cisões em aldeias mais populosas pré-existentes. A aldeia de 6 casas grandes poderia ser, então, a morada de um grupo dissidente. Segundo esse raciocínio e com base na composição dos grupos domésticos descritos por Maybury-Lewis (Aldeia de São Domingos, 1958), o cálculo de 15 pessoas por casa para um período anterior ao contato com os não-índios e aos surtos epidêmicos documentado, ^{logo-se} então, aceitável.

Se os cálculos de Sacilotti estão corretos, a população da primeira das aldeias encontradas alcançaria 1.800 Xavante e a da segunda, 2.205 habitantes, aproximadamente. Por outro lado, sabe-se da existência de várias outras aldeias Xavante, tanto na própria região do rio das Mortes (onde foi feito o contato "oficial" pelo SPI em 1946), como nas cabeceiras dos rios Couto de Magalhães e Culuene, mais a oeste, e na região dos rios Batovi e Paranatinga, ainda mais a sudoeste. De acordo com pesquisas preliminares relativas à história oral dos Xavante, sua

(3) As anotações de Sacilotti, depois de sua morte pelos Xavante em 1º/11/1934, foram coligidas pelo Pe. Duroure e publicadas em Sur Le Fleuve de la Mort, 1936, Lyon/Paris.

mamória registra, pelo menos, quinze aldeias entre 1870 e 1940, talvez nem todas concomitantes, porém (Maybury-Lewis, 1967; Giaccaria e Heide, 1972; Lopes da Silva, material não publicado). Da sorte de muitos desses grupos, a história "oficial" dos Xavante não faz menção. Seu contato com os colonizadores da região foi indiscriminado e certamente violento.

Tudo isso indica a extensão do massacre sofrido pela população Xavante. Há notícias recorrentes de massacres causados por expedições punitivas e de uma série de epidemias de sarampo, gripe e "bexiga" que dizimaram boa parte da população Xavante. As dimensões dessas perdas não foram até agora atestadas e a pesquisa que ora iniciamos tem, como um de seus objetivos, a estimativa da população total dos grupos Xavante e a determinação da extensão do seu território à época do contato. (1930-1960).

O total estimado para 1958 (data mais antiga dentre os dados disponíveis, isto é, publicados) é de 530 (em seis aldeias) e, embora não se dispusesse de dados para outras quatro aldeias conhecidas, (Maybury-Lewis, 1967:333), o contraste com a população estimada das aldeias visitadas pelo Pe. Sacilotti em 1934 é flagrante. Os dados de 1967 confirmam o raciocínio (vide Quadro 1).

Análise dos dados disponíveis

Por ora, os dados disponíveis são bastante precários porque fragmentários e incompletos. Uma análise preliminar permite, no entanto, afirmar que a população Xavante encontra-se em franca recuperação em termos demográficos. Isso se deve, certamente, à garantia de seus territórios, à assistência médica regular e ao desenvolvimento de meios próprios de relacionamento e de enfrentamento da realidade de sua inclusão na sociedade nacional:

Uma análise inicial dos dados do Quadro 1 indicava a possibilidade de crescimento geométrico. Testamos, então, todas as taxas anuais geométricas de crescimento, obtidas das diversas combinações entre as fontes. Testando a taxa anual geométrica = 5,6, assim obtida, temos o seguinte quadro:

Quadro 2

	População	População esti- mada segundo TAG = 5,6% *	Erro(%)
1962	1.465	-	
1969	2.160	2.145	-0,7
1977	3.340	3.317	-0,7
1981	4.134	4.125	-0,2

* com base em 1962

Se projetarmos para 1982, com a mesma taxa e ainda com base em 1962, estimariamos em 4.356 o total dos Xavante.

O mais correto, porém, parece ser o seguinte:

Quadro 3

ano	população	taxa
1977	3.340	//
1981	4.134	5,48
1982*	4.360	

* valor extrapolado

Considerando-se que os valores 4.356 e 4.360 são muito próximos, com base nos dados de que dispomos é possível afirmarmos que:

- a) a população Xavante tem crescido a uma taxa anual geométrica de aproximadamente 5,6%;
- b) é esperado que, neste ano de 1982, a população Xavante esteja em torno de 4.360 indivíduos.

Taxas de natalidade e mortalidade

Para o cálculo dessas taxas dispomos apenas de informações contidas em um relatório elaborado pelo Setor de Saúde da Ajudância Autônoma de Barra do Garças - FUNAI, para o ano de 1980. Não dispunhamos do total da população Xavante neste ano. Assim, mantendo-se a previsão de um crescimento geométrico à base de 5,6% ao ano, a população estimada, por interpolação, estaria, em 1980, por volta de 3.930 indivíduos. Se isso é razoável e de acordo com os dados abaixo, teremos:

	<u>nascimentos</u>	<u>óbitos</u>	<u>saldo vegetativo</u>
1980'	243	33	210

Logo:

TNB (Taxa Bruta de Natalidade) \approx 62 ‰. [de mil habitantes, 62 são recém-nascidos]

TBM (Taxa Bruta de Mortalidade) \approx 8 ‰. [8 óbitos para mil habitantes]

Dentre os 33 óbitos ocorridos em 1980, apenas 19 foram classificados por causa mortis, idade e sexo:

idade	óbitos	%
0-1	11	57,9%
1-2	1	
5-10	1	
10-15	1	
15-20	2	42,1%
25-30	1	
45-50	1	
55-60	1	
TOTAL	19	100%

sexo	óbito	%
masc.	10	52,6
fem.	9	47,4
TOTAL	19	100

Se aceitarmos a proporção acima como real para os 14 óbitos não investigados, teremos aproximadamente 19 óbitos (57,9% de 33) entre os 33, ocorridos na idade de 0-1 (um ano incompleto). Isso nos faz supor:

TMI (Taxa de Mortalidade Infantil) = 78 %.(por mil nascidos vivos)

	Xavante (1980)	Brasil* (1976)
TBN	62%	36%
TBM	8%	9%
TMI	78%	109% (1975 - Nações Unidas)

*Fonte: Nelson do Valle Silva . Revista Ciência Hoje, ano 1, nº1.

A TMI (Taxa de mortalidade infantil) é considerada alta entre 70 e 100% . Quando, no Brasil, ultrapassa 100% , trata-se de uma TMI muito alta.

Cabe dizer, ainda, que os dados que nos serviram de base aqui dizem respeito às aldeias Xavante assistidas pela FUNAI; as aldeias das reservas de São Marcos e Sangradouro recebem assistência médica principalmente por parte das missões salesianas que atuam na área. É provável que o sistema das missões - que conta com a presença de enfermeiros de nível superior constantemente na área e uma melhor provisão de medicamentos - seja mais eficiente que o sistema de Equipe Volante de Saúde e atendentes com formação precária nas aldeias. Nesse caso, pode haver, nas áreas de missão, uma menor mortalidade infantil na idade de 0-1. Esse é um ponto que merecerá maior atenção no decorrer da pesquisa, tão logo disponhamos dos dados necessários.

Essas diferenças no padrão de atendimento médico dispensado às aldeias Xavante podem interferir também na recorrência ou distribuição das causae mortis. De acordo com o relatório FUNAI-1980, temos o seguinte quadro:

CAUSA MORTIS	ÓBITOS	%
pneumonia+gastroenteriase+desidratação	13	72,2
acidentes	3	16,7
câncer	2	11,1
TOTAL	18	100

Tendências da reorganização da sociedade Xavante em situação de con-
tato permanente com a sociedade nacional

Uma das dificuldades da análise demográfica entre os Xavante é a existência de migrações constantes entre aldeias, originadas por fatores sociais e políticos internos: os fluxos são constantes mas impreviáveis quanto à sua orientação e às suas dimensões. O contingente demográfico de uma aldeia não é rigidamente constituído. Redistribuição de grupos menores - que, geralmente, têm a forma de facções políticas dissidentes - entre várias aldeias e a sempre presente possibilidade de criação de novos núcleos eram características do modo de vida Xavante tradicional. Por outro lado, é preciso ressaltar

a tendência recente da multiplicação acelerada do número de aldeias por intensificação dos processos de cisão, ocasionadas provavelmente por fatores econômicos e políticos internos e externos (relativos às relações entre os Xavante e destes com o mundo dos brancos), pelo crescimento da população e pela garantia das terras, agora demarcadas:

Quadro 4

	POPULAÇÃO/ALDEIAS			
	mínimo	máximo	\bar{x} (média)	s (desvio padrão)
1962 ¹	80	300	183	75
1969	77	798*	227	89
1981	30	900*	180	133

* valor excluído da média (aldeia de São Marcos - caso atípico: aldeia na qual foram sucessivamente se refugiando grupos de Xavante sem terra).

Pode-se notar, portanto, uma concentração maior da população no período de 1969, época que corresponde ao fim do período de acomodação à situação de contato e que antecede imediatamente à demarcação das reservas, ocorrida entre 1973 e 1977, basicamente. Algumas áreas foram redemarcadas posteriormente, com aumento da extensão das terras controladas pelos Xavante. A demarcação parece ter sido a razão principal da redistribuição da população por um número maior de aldeias, implicando em uma menor concentração da população.

Outra tendência da população Xavante que parece estar sendo motivada pelo contato com a sociedade nacional diz respeito à composição dos grupos domésticos:

Quadro 5

	população	nº de casas	nº máximo hab/casa	nº mínimo hab/casa
1958 ¹	220	15	16	4
1974 ²	277	28	6	2

Fontes: 1. Maybury-Lewis, 1967. Refere-se à aldeia de S. Domingos;

2. Lopes da Silva, 1980. Refere-se à aldeia de Simões Lopes (Paráíso).

Com base nas duas únicas fontes que trazem dados que se prestam a esse tipo de questão, verificamos a tendência ao aumento do número de casas, cada uma delas abrigando um número menor de pessoas. Os dados qualitativos contidos nas fontes citadas permitem perceber que essa dispersão da população de cada aldeia por um número maior de casas se faz através da fragmentação da família extensa: em 1958 não havia uma única casa sequer habitada por apenas uma família nuclear; em 1974, nove das 28 casas da aldeia pesquisada eram habitadas por apenas um casal e seus filhos. Cabe observar aqui que o Quadro acima foi elaborado com dados relativos apenas aos habitantes adultos de cada casa.

Outra característica do sistema de parentesco e casamento e da composição dos grupos domésticos Xavante que parece estar sendo modificada diz respeito ao casamento poligínico. Maybury-Lewis menciona, em 1962, a existência de seis casamentos poligínicos sororais na aldeia de Simões Lopes (população: 174 pessoas); em 1974, na mesma aldeia, encontramos uma população de 277 pessoas e apenas dois casamentos poligínicos, também sororais. As razões para essa tendência precisam ainda ser verificadas com mais rigor. Por ora é possível indicar, à guisa de hipóteses explicativas, a influência dos padrões de casamento da sociedade nacional (indiretamente, pelo convívio com regionais, e diretamente, pela atuação das missões religiosas católicas e protestantes, que procuraram "moralizar" o casamento Xavante) tornando-o marcadamente monogâmico), as oscilações demográficas (em pouco mais de trinta anos de contato, os Xavante já passaram por dois momentos opostos: de decréscimo populacional drástico e de sensível recuperação, como vimos), as alterações do sistema de adaptação ecológica (substituição da caça e da coleta pela agricultura como fonte primordial de subsistência). O direito à poliginia era, tradicionalmente, função do prestígio político de um homem. Para a conquista deste prestígio, alguns dos requisitos eram um desempenho destacado nas atividades de caça e guerra - hoje raras, no primeiro caso, e inexistentes, no segundo -, e conhecimento do saber tradicional, entre outros. Hoje, o prestígio pode ser conseguido também através da habilidade no trato com o mundo dos brancos. Como, no mais das vezes, essa habilidade se exercita através do uso da língua portuguesa e da compreensão - obtida através da convivência - dos modos de agir e pensar dos brancos, os jovens Xavante têm agora um acesso, que antes lhes era vedado, ao poder. Conseguem, assim, evitar que homens mais ve

lhos tenham várias esposas, situação que lhes trazia, anteriormente, inúmeros contratempos: havia, ao que tudo indica, certa tensão na relação dos jovens para os quais não havia esposas disponíveis e os homens maduros de prestígio. Os jovens, porém, desprovidos de autoridade, acabavam por ter que se conformar com a espera, às vezes prolongada, do crescimento de suas próprias esposas.

Conclusões

De modo sucinto, podemos dizer que as conclusões a que pode levantar-se a análise preliminar possibilitada são as seguintes:

- a) a "pacificação" dos Xavante significou um processo de depopulação drástica, cujas dimensões não foram ainda suficientemente investigadas;
- b) os Xavante encontram-se hoje em franca recuperação demográfica, o que é atestado pela taxa de crescimento geométrico anual = 5,6%;
- c) essa recuperação se explica em função da demarcação de suas reservas; da capacidade de reorganização interna diante da situação de inclusão na sociedade nacional; e do atendimento médico que tem evitado, ao que tudo indica, principalmente a morte de pessoas jovens e adultas;
- d) os dados - ainda que bastante incompletos - permitem notar a existência de uma elevada taxa de mortalidade infantil (78%), o que indica a necessidade de maior atenção nesse sentido;
- e) pode-se prever que a população Xavante atinja, em 1982, o total de 4.360 indivíduos. Na verdade, constata-se que esta população dobrou de tamanho, em 13 anos:

1969	2.160	pessoas
1981	4.134	pessoas
1982	4.360	pessoas.

Mantendo-se constante esse ritmo de crescimento, a população Xavante deverá estar por volta dos 9.000 em meados da década de 90;

- f) nota-se uma concentração da população em aldeias maiores no período anterior à demarcação de suas reservas e a volta ao número médio de habitantes por aldeia no período subsequente;
- g) nota-se tendência à dispersão da população de cada aldeia em um número maior de casas, ou seja, à fragmentação da família extensa e à constituição de grupos domésticos por família nuclear.
- h) menor incidência de casamentos poligínicos.

.....

Salvador, São Paulo,
setembro-outubro de 1982.

Quadro 1

1958			1962			1969			1977			1981		
P.I./ missão	nº hab.	nº aldeias	P.I./ missão	nº hab.	nº aldeias	P.I./ missão	nº hab.	nº aldeias	P.I./ missão	nº hab.	nº aldeias	P.I./ missão	nº hab.	nº aldeias
Batovi (Mal. Rondon)	?	1	BATUVI	300*	1	BATUVI	275	1	BATUVI	111	1	BATUVI	130	1
SIMÕES LOPES	?	1	SIMÕES LOPES	175	1	PARAÍSO	257	1	CULWENE	710	3	PARABUBURE	1341	7
						LAGOA/COUDO MAGA- LHARES	77	1	COUDO MAGALHÃES	356	3			
SANGRAÐOURO	200*	1	SANGRAÐOURO	175*	1	SANGRAÐOURO	367	1	SANGRAÐOURO	584	2	SANGRAÐOURO	610	2
MERURE (Bororo + Xavante)	200*	1	SÃO MARCOS	300*	1	SÃO MARCOS	798	1	SÃO MARCOS	1.010	5	SÃO MARCOS	1.320	5
AREÐES	80*	1	AREÐES	175	1	AREÐES	191	1	AREÐES	303	1	AREÐES	392	2
CAPITARIQUARA	150*	1												
ST. TEREZINHA	100*	1												
SÃO DOMINGOS	200	1	SÃO DOMINGOS	110	1	PIMENTEL BARBOSA	195	1	RIO DAS MORTES	266	1	RIO DAS MORTES	341	2
Ö TÕ (?)			Ö TÕ	80*	1									
MARÄIWATSEDE	?	1(?)	MARÄIWATSEDE	150*	1									
TOTAL		9 10	TOTAL	1.465	8	TOTAL	2.160	7	TOTAL	3.340	16	TOTAL	4.134	19

* valores estimados.

77

Quadro 1 / Fontes:

- 1958 : Maybury-Lewis, David
Akwẽ-Shavante Society. Oxford, 1967.
- 1962 : idem
- 1969 : Giaccaria e Heide
Auwẽ Uptabi, Xavante, Povo Autêntico. Editorial Dom Bosco,
 São Paulo, 1972.
- 1977: Lopes da Silva, Aracy
Nomes e Amigos: Da Prática Xavante e uma Reflexão Sobre os
Jê. Tese de Doutorado em Antropologia Social. USP, 1980.
- 1981 : Censo da FUNAI. Relatório do Setor de Educação da Ajudância
 Autônoma de Barra do Garças.